

Calor e pompa receberam o primeiro-ministro

MÁRIO SOARES EM MOÇAMBIQUE

NUM «ENCONTRO DE AMIGOS»

Mário Soares chegou ao princípio da tarde de ontem a Maputo, onde foi recebido pelo presidente moçambicano. Na capital de Moçambique, uma recepção simultaneamente cordial e pomposa aguardava o primeiro-ministro português, desde o amigável «Como estás, Mário?» de Samora Machel à sessão de fotografias protocolares e à guarda de honra.

primeiro-ministro português, que havia deixado Lisboa ao princípio da madrugada de ontem, chegou a Maputo acompanhado de Maria Barroso e dos ministros Jaime Gama e Alvaro Barreto. A recebê-lo, além do presidente Samora Machel e da mulher, havia dezenas de pequenas bandeiras portuguesas e moçambicanas nas mãos de uma pequena multidão que o saudava.

«Solidariedade entre os povos português e moçambicano» e «viva o primeiro-ministro da República Portuguesa» diziam alguns dos cantares que Mário Soares teve a oportunidade de ler no aeroporto de Mavalane depois de ele e Samora Machel terem escutado os hinos nacionais dos dois países de terem passado revista à guarda de honra.

Uma vez escutadas as salvas de canhão próprias de qualquer recepção oficial a um chefe de Governo, Soares ouviu os populares gritarem o seu nome e o do presidente Machel.

Foi em clima de grande descontração que o chefe do Estado moçambicano cumprimentou as principais figuras da comitiva portuguesa.

«Sempre grande» — exclamou Machel, ao abraçar o secretário de Estado da Cooperação português, embaixador Gaspar da Silva.

«Cá está o Manuel Alegre, sempre alegre» — disse depois o presidente, ao saudar um dos deputados que acompanham Soares.

«Mateus? Isso não é nome

português. É nome de vinho...» — comentou jocosamente o líder da FRELIMO para o encarregado das relações exteriores do Partido Socialista, Rui Mateus.

«Bem-vindos, sejam bem-vindos, amigos» — acentuou Samora Machel, abrindo os braços para as dezenas de personalidades chegadas a Maputo com Mário Soares.

Maria Barroso via-se, entretanto, obrigada a tirar o chapéu de palha creme à combinar com a saia e casaco da mesma cor devido ao vento. De facto, só o tempo chuvoso e frio destoava das calorosas boas-vindas moçambicanas a Mário Soares.

Da numerosa comitiva que acompanha o primeiro-ministro, com cerca de 90 pessoas, fazem ainda parte os secretários de Estado da Cooperação, Gaspar da Silva, e do Tesouro, António de Almeida, os deputados socialistas Manuel Alegre e Rui Mateus, o deputado do PSD Rui Almeida Mendes, o vice-governador do Banco de Portugal, Rui Vilar, o embaixador encarregado das relações culturais com os países de língua portuguesa, José Fernandes Fafe, e o presidente do Instituto de

Cooperação Económica, Costa Oliveira.

● Enterrado o cadáver do colonialismo

Depois das cerimónias protocolares no aeroporto, Samora Machel e Mário Soares seguiram numa limusina Rolls Royce vermelha escura para os alojamentos do primeiro-ministro português. A comitiva viajou em dezenas de carros brancos e negros.

Pouco tempo mais tarde, começou a primeira reunião de conversações entre Samora Machel e Mário Soares, acompanhados por vários membros do Governo.

Classificando a reunião como «encontro de amigos», o presidente Samora Machel foi o primeiro a usar da palavra para dar as boas-vindas à delegação portuguesa.

«O povo moçambicano dispensa-vos o calor da sua amizade para com o povo português», disse o presidente Machel, antes de considerar que a amizade e solidariedade entre os dois são «indestrutíveis» e «eternas».

«Ao visitarmos Portugal, quisemos enterrar em fundo o cadáver do colonialismo», declarou o presidente, recor-

dando a sua deslocação à Europa, em Outubro do ano passado.

Defendeu que desejara substituir esse cadáver por um novo relacionamento para um futuro melhor para os dois países e povos.

«Os recursos que dispomos são imensos. A acção conjunta dos nossos governos (...) criará riqueza em benefício mútuo», defendeu o presidente moçambicano.

O primeiro-ministro português, por seu lado, falando de improviso, considerou

«uma honra e uma alegria vir de novo a Moçambique».

Evocou os vários encontros com o presidente Machel, desde as conversações para a independência de Moçambique até hoje.

Referindo-se à primeira visita de Samora Machel a Portugal, declarou:

«Mais importante que as saudações oficiais — que foram calorosas e fraternas — foi o sentimento do povo português para com V. Exa.. Isso não se encomenda, nasce do coração».

«Vimos animados da vontade política de podermos concretizar essa amizade em termos de a poder alargar em todos os domínios».

Referiu o encontro que terá com vários dirigentes africanos, da Linha da Frente em Arusha, considerando

que haverá oportunidade de abordar então os problemas africanos comentando:

«Naturalmente, as duas ópticas são diferentes — a europeia e a africana — mas são convergentes».

Na mesma mesa das conversações, o primeiro-ministro português estava lado a lado com os ministros dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, e do Comércio, Alvaro Barreto, enquanto Samora Machel estava no meio dos ministros dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chis-

sano, e da Presidência para os Assuntos Económicos, Jacinto Veloso.

● Aprofundar relações

O primeiro-ministro, que partiu para Moçambique ao princípio da madrugada de ontem, declarou depositar muitas esperanças no «aprofundamento e desenvolvimento» das excelentes relações existentes com Moçambique.

Durante a viagem a bordo do avião que o conduzia a Maputo, e que escalou em Brazzaville, Mário Soares saudou telegraficamente o presidente angolano, José Eduardo dos Santos.

Enquanto isto, fontes diplomáticas admitem que José Eduardo dos Santos seja um dos participantes

na reunião de Arusha, que a 4 e 5 deste mês congrega na Tanzânia países europeus da Internacional Socialista, dirigentes da Linha da Frente e os chefes da ANC e da SWAPO.

Entretanto, ainda em Moçambique, onde deve permanecer quatro dias, o primeiro-ministro foi ontem obsequiado com um banquete.

Hoje, Mário Soares deposita uma coroa de flores no monumento aos heróis moçambicanos, visita a FACIM e o Museu da Revolução, após o que dá no Hotel Polana uma recepção para assinalar o «Dia de Portugal» na FACIM.

Amanhã vai à Central Hidroeléctrica de Cahora Bas-

sa e encontra-se com a comunidade portuguesa da cidade da Beira. No dia seguinte, visita a Tudor de Moçambique, dá uma conferência de Imprensa, encontra-se com a comunidade portuguesa de Maputo e oferece no Polana um banquete de retribuição ao presidente Machel, horas antes de deixar Moçambique a caminho da Tanzânia.

● «Adesão à CEE favorecerá cooperação»

Entretanto, antes de partir, Mário Soares deu uma entrevista à agência noticiosa moçambicana, na qual

afirmou que a presença de Portugal na CEE vai facilitar a ajuda da Comunidade ao país africano e trará os maiores benefícios em termos de relações económicas mútuas.

Soares referiu-se também à cooperação tripartida Portugal-EUA-Moçambique, afirmando que a missão do nosso país neste tipo de acção comum «é o de poder contribuir com o conhecimento do «know-how», a tecnologia intermédia, os quadros e as pessoas que queiram trabalhar», cabendo essencialmente aos Estados Unidos contribuir com a maior parte dos capitais.

Depois de afirmar que «a África do Sul deve ser pressionada a cumprir o acordo

de Incomati» e que é necessário acelerar a consequente pacificação do território de Moçambique, o primeiro-ministro assegurou que Portugal passará a vigiar preventivamente as actividades hostis contra governos amigos que se desenvolvam no seu território.

«Só agora é que Portugal vai começar a ser um Estado prevenido em relação a esse tipo de coisas, pois tem sido um estado aberto. Foi desmantelada a Polícia de estrangeiros que existia e só há dias saiu uma lei que possibilita a criação de um Serviço de Informações, já que muitas vezes só sabíamos desses actos «a posteriori», o que é lamentável» — frisou.